www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 163, 2026 | DOI: 10.69849/xvzz6m70

As mulheres e os desafios de continuidades dos estudos pós maternidade

Women and the challenges of continuing their education after motherhood

Estegite Carvalho Leite Moura[1]
Nairama Pereira Barriga Feitosa[2]

RESUMO

Este trabalho tem como proposta inicial destacar alguns desafios que as mulheres encontram ao tentar dar continuidade aos estudos e apresentar possíveis alternativas para essas jovens após a maternidade. Tal pesquisa foi desenvolvida na escola pública estadual Dr. João Lula em Timon-MA, visto que ali observa-se grandes índices de abandono escolar pelas alunas mães que tentam prosseguir nos estudos. Nessa esteira, são objetivos específicos deste trabalho: apresentar a escola onde a pesquisa foi realizada; refletir sobre o ensino de Educação de Jovens e Adultos, seus desafios e perspectivas; relacionar algumas causas do abandono escolar; buscar a relação do abandono escolar e o papel da maternidade; esboçar, a partir do olhar das mães, algumas alternativas. O projeto foi desenvolvido a partir do método de Pesquisa-ação. Assim sendo, neste trabalho optou-se por esta linha, visto a necessidade de pesquisa e de reflexões sobre a prática observada no ambiente no qual estão inseridas estas mulheres. Para tanto, foi utilizado como técnica de pesquisa a entrevista a partir de dois grupos focais (com mães que levam e outro com as mães que não levam filhos para escola), além de questionários enviados às alunas, gestores e professores do turno noturno da escola Dr. João Lula. Dessa forma, os instrumentos utilizados foram qualitativos (grupo focal) e quantitativos (questionários). De modo geral, o estudo realizado permitirá conhecer melhor as alunas e assim seria possível pensar em alternativas viáveis para amenizar o problema apresentado. Alguns autores serviram de embasamento para fortalecer o trabalho como Tripp (2005), Dias (2000), Freitas et al (2000), Gil (2008), Veiga (1995), Gurgel (2018), Silva (2014).

Palavras-chave: Abandono escolar; Maternidade; Educação de Jovens e Adultos; Espaço Escolar;

[1] Discente do curso de Doutorado em Ciências da Educação E Ética Cristã da Ivy Enber Christian University; Linha de Pesquisa: Políticas de Educação Básica

[2] Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela UNIDERP - MS

ABSTRACT

This work aims to present some challenges for women continuing their studies and possible solutions after motherhood. This research was developed at the Dr. João Lula State Public School in Timon-MA, given the high rates of school dropout among mothers who are students attempting to continue their education. Therefore, the specific objectives of this work are: to present the school where the research was conducted; to reflect on the teaching of Youth and Adult Education, its challenges and perspectives; to relate some causes of school dropout; to explore the relationship between school dropout and the role of motherhood; and to outline, from the mothers' perspective, some alternatives. The project was developed using the action research method. This approach was chosen for this work, given the need for research and reflection on the observed practices in the environment where these women are situated. To this end, the research technique used was interviews based on two focus groups (one with mothers who send their children to school and another with mothers who do not), in addition to questionnaires sent to students, administrators, and teachers of the evening shift at the Dr. João Lula school. Thus, the instruments used were qualitative (focus group) and quantitative (questionnaires). In general, the study carried out will allow for a better understanding of the students and thus it will be possible to consider viable alternatives to mitigate the problem presented. Some authors served as a basis to strengthen the work, such as Tripp (2005), Dias (2000), Freitas et al (2000), Gil (2008), Veiga (1995), Gurgel (2018), Silva (2014).

Keywords: School dropout; Maternity; Youth and Adult Education; School Space

1. Introdução

A educação é o meio pelo qual uma geração pode modificar seu destino, ressignificar a história das gerações que vieram antes dela e melhorar o estado de coisas para receber as gerações vindouras, contribuindo para uma sociedade mais igualitária e menos excludente.

O trabalho aqui proposto tem por objetivo geral desenvolver uma pesquisa com alunas mães de crianças de até 3 (três) anos de idade e que estudam no Centro de Ensino Dr. João Lula, em Timon, no Maranhão. Com estas sugestões busca-se melhorar o processo ensino-aprendizagem e a possibilidade de reduzir o abandono escolar.

Para dar continuidade ao trabalho teremos como objetivos específicos, quais sejam: apresentar a escola que será desenvolvida a pesquisa; refletir sobre o ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), seus desafios e perspectivas; relacionar algumas causas do abandono escolar; buscar a relação do abandono escolar e o papel da maternidade; esboçar, a partir do olhar das mães, algumas alternativas para que possam dar continuidade aos estudos.

Neste sentido, a Constituição Federal de 1988 traz em seus artigos 205 e 206, caput e inciso primeiro ressaltam que é dever do estado garantir o acesso e a permanência do aluno na escola.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. **Art. 206**. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Apesar de a educação já ser formalmente um direito de todos, é preciso que o Estado garanta as condições materiais para que esse direito seja concretizado, permitindo que os cidadãos consigam se preparar para o mercado de trabalho e melhorar as condições financeiras e culturais suas e de seus familiares. Note-se que, para ser realmente um direito de todos, não pode haver nenhuma exclusão, muito menos das mulheres quando estas tornam-se mães.

Nessa esteira, o inciso IX do Art. 206 da Constituição Cidadã diz que é "garantido o direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida". Para tanto, é urgente que as mulheres, após a maternidade, tenham a garantia de que seus filhos estão acolhidos e bem cuidados para que possam seguir aprendendo e se desenvolvendo, nessa fase tão complexa de suas vidas. Do contrário, a sociedade brasileira viverá sempre à espreita e o fantasma da desigualdade de tempos em que só os homens tinham direitos respeitados, mesmos quando estes se tornam pais a eles não sobrecai a carga e a total ou pelo menos parcial a responsabilidade de cuidar do filho, cabendo assim à mãe a difícil escolha de exercer o seu papel de ser mãe ou continuar os estudos, isso não deveria ser uma questão de escolha em nenhum momento de suas vidas muitas vezes muito jovem ainda.

Segundo Gadotti elti (2016, p. 15) "Todos e todas buscamos nos tornar melhores e mais felizes" ... Aprendemos ao longo de toda a vida... A educação procura superar o nosso inacabamento, a nossa incompletude." Assim, é preciso que essa educação escolar seja oferecida, apoiada e possibilitada a todas e todos, independente da classe, sexo, etc., ou seja, dar condição para essa continuidade na vida de aprendizagem, sem exceções, a educação sempre foi e será essencial para crescimento pessoal e profissional de todos os cidadãos e cidadã indistintamente.

No intuito de assinalar algumas situações da educação no contexto da escola, este trabalho destacará temáticas como: estrutura e dados da escola Dr. João Lula, a mulher no contexto escolar, a educação de jovens e adultos: perspectivas e desafios, abandono escolar: situação das alunas mães de crianças de até 3 anos de idade que frequentam a escola Dr. João Lula em Timon Maranhão no turno noturno.

2. A escola Dr. João Lula

A escola estadual Dr. João Lula foi a escolhida para ser desenvolvida esta pesquisa por ser uma instituição na qual trabalho como supervisora escolar e por presenciar constantemente alguns

problemas vivenciados pelas alunas que trazem os filhos para sala de aula e por muitas vezes não conseguindo assistir as aulas, ou buscam alternativas como sair da sala ou pedir alguém da escola pra ficar com a criança ou até mesmo o professor enquanto ela dissolve a atividade escolar naquele momento.

Esta é uma dentre várias escolas estaduais de ensino médio que funcionam em Timon no Maranhão. Atende a uma clientela na faixa etária entre 14 e 17 anos no ensino regular nos turnos manhã e tarde e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos-EJA, que são os alunos que têm mais de 18 anos. A seguir descreveremos a localização, a estrutura e alguns dados da referida escola, para maior compreensão dos fatos.

2.1 Localização da escola

O Centro de Ensino Dr. João Lula fica localizada na Rua 107 S/N, Parque São Francisco – Timon – MA. A escola foi inaugurada no dia 21 de junho de 1985 e regulamentado pela Resolução Nº 018/93/CEE, em relação a estrutura física da escola é um espaço planejado, construído e inaugurado na administração do prefeito Napoleão Guimarães, sendo o governador do estado do Maranhão, à época, o Exmº Sr. Luiz Alves Coelho Rocha e a secretária de Educação do Estado a Sra. Leda Maria Chaves Tájara.

Fig. 1 Fachada da escola

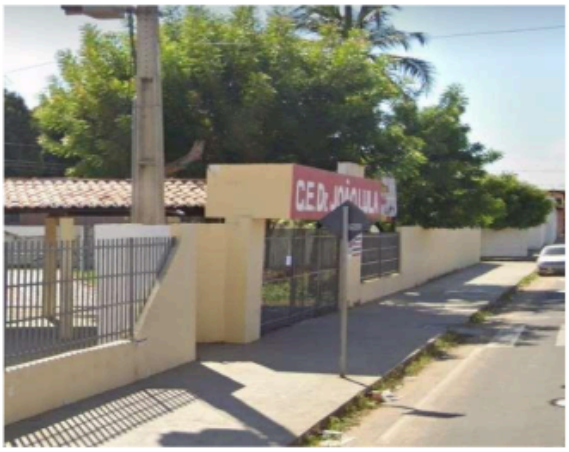
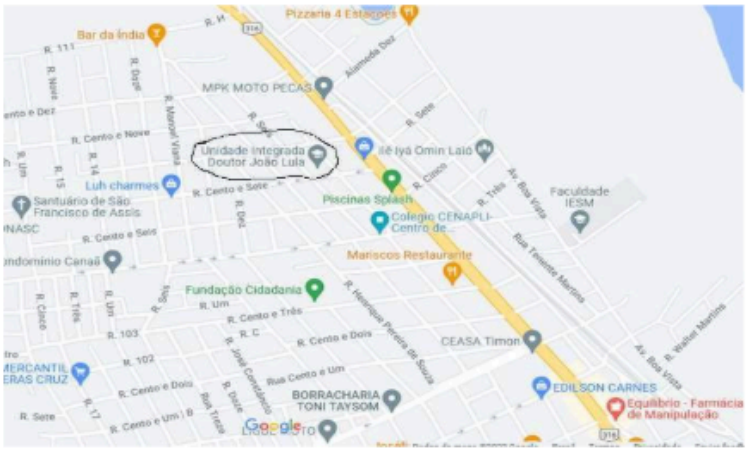


Fig.2 Mapa da localização da escola



2.2. Estrutura da escola

É uma escola que faz parte da Rede Estadual de Educação do Maranhão, pertencendo à Unidade Regional de Timon. Funciona nos três turnos, sendo que nos turnos diurnos trabalha com ensino médio regular e à noite com a modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, com objetivo de atender àqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa.

O espaço conta com dez salas de aula, um laboratório de informática, cantina, pátio coberto,

sala de professores, secretaria, sala dos gestores, banheiros internos para professores e funcionários, banheiro para os alunos. Existe ainda um estacionamento e uma quadra de esportes.

A instituição tem como propósito oferecer um ensino de qualidade a toda a sua comunidade escolar. A este respeito Veiga ressalta que "a escola de qualidade tem obrigação de evitar de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão, tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório de todos alunos". (Veiga,1995, p. 17). A escola trabalha coletivamente com este propósito embora não sempre consiga desempenhar suas atividades com excelência como gostaria que fosse e como a comunidade escolar merece.

A escola está localizada no bairro São Francisco, zona norte de Timon. A unidade escolar foi muito bem aceita pela comunidade local desde o momento da implantação e figura até os dias atuais como uma escola de referência no bairro e na cidade. Isso se deve ao reconhecimento externo da constante busca por desenvolver um trabalho educacional que contribua com os anseios da sociedade e em especial da comunidade na qual está inserida, levando em consideração o contexto social e econômico de sua clientela, incentivando os educandos e suas famílias a superar seus desafios dentro ou fora do contexto escolar.

Com a pesquisa, o Centro de Ensino se propõe, juntamente com as alunas, criar alternativas viáveis para motivar a permanência dos alunos, elevar o índice de aprovação e reduzir ao máximo a taxa de abandono, acreditando sempre que uma sociedade melhor se faz a partir de homens e mulheres que tiveram a oportunidade de participar de uma educação de qualidade, para que consigam obter sucesso pessoal e profissional e impactem positivamente suas famílias e a comunidades.

A instituição tem por objetivo "organizar o trabalho para o alcance das metas programadas a curto, médio e longo prazo, prezando pelo atendimento e a permanência de jovens e adultos visando a melhoria da qualidade do ensino" PPP (2021, p 6). É dever de toda a equipe escolar trabalhar para cumprir tais objetivas.

Este Centro de Ensino tem, portanto, ciência da necessidade de assumir compromissos que venham contribuir para uma crescente atuação na sociedade sempre buscando participar ativamente de todo processo democrático educacional. Veiga (1995) enfatiza que:

> A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e sérias contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada ativa na democratização da sociedade (VEIGA, 1995, p.39).

O funcionamento da escola segue as normas de convivência interna, cumprimento de horários específicos, observação das hierarquias legais derivadas da Constituição Federal, da Constituição do Estado do Maranhão, da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, das propostas do regimento interno e

do conselho escolar, bem como do estatuto do servidor público do Estado do Maranhão. Atrelado a isso, a escola internamente desenvolve o sistema de normas específicas para bom funcionamento de cada setor.

Nesse contexto educacional, o papel do gestor escolar é de fundamental importância, assim Stauber (2015) destaca que:

> [...] no âmbito da escola, passe-se de uma concepção de administração do cotidiano das relações de ensino-aprendizagem para a noção mais ampla relacionada não apenas com uma comunidade interna constituída por professores, alunos e funcionários, mas que se articula com as famílias e a comunidade externa. Assim o diretor e/ou a unidade administrativa dirigente, passa a ser chamadas de gestor (STAUBER, 2015, p. 66).

O conceito de gestor está relacionado à democratização, ou seja, à participação de todos que fazem a escola. O gestor deve ser a pessoa que propicia ou facilita a relação entre os demais atores,

incluindo a comunidade, no contexto atual da educação frente a todos os seus desafios e possibilidades. A escola conta com um gestor geral e um gestor adjunto e ainda uma coordenadora pedagógica por turno de ensino, compondo assim a equipe gestora responsável pelo bom funcionamento da instituição de forma ativa, participativa e democrática.

Fig. 3 - Área interna da escola Dr. João Lula



Fonte: Rede social da escola. Acesso em 15. 12. 2022

2.3 Dados da escola Dr. João Lula

No ano de 2022, a escola possui uma matrícula inicial de 206 (duzentos e seis) alunos, desses 115 (cento e quinze) são do sexo masculino e 91 (noventa e um) são do sexo feminino, das quais 28 (vinte e oito) são mães. A faixa etária varia entre dezoito e quarenta e seis anos. Das vinte e oito alunas mães, apenas 10 (dez) desempenham atividade remunerada. Dentre as atividades desempenhadas por

elas, encontra-se: manicure, garçonete, ajudante de costureira, artesã, zeladora, auxiliar de serviços gerais, diarista, vendedora e pizzaiola.

Em relação à quantidade de filhos, há variação entre 1 (um) e 4 (quatro) filhos, sendo que a maioria possui apenas um filho. Quanto à idade dos filhos, a variação vai de 0 (zero) a 28 (vinte e oito) anos. Percebe-se que a maior concentração está entre 2 (dois) e 3 (três) anos de idade. Em relação a quem fica com os filhos quando estão estudando, as alunas citaram como rede de apoio: a mãe delas, o pai das crianças e irmãs. Há ainda 8 (oito) mães que afirmam levar seus filhos para a escola.

Em relação à presença de crianças na sala de aula, as estudantes responderam que o que mais as incomodam quando levam os filhos para escola é: não poder prestar atenção na aula; a criança não ficar quieta; atrapalhar quando estar estudando; falta de compreensão de alguns professores, quando a criança fica chorando, porque ainda mama; e, principalmente, que o barulho deles atrapalha a aula.

O abandono em 2021 no Centro de Ensino Dr. João Lula correspondeu, no turno noturno, a 27,2%. Em 2022, apresentou-se um abandono de 35%. Talvez esse aumento possa ser atribuído a vários fatores, como a necessidade de atuar no mercado de trabalho, (fato que afeta os estudantes de modo geral). Contudo, é forçoso reconhecer que, para as alunas em especial, a maternidade é uma causa importante desse abandono da escola. Isso porque elas enfrentam a dificuldade de não ter com quem deixar os seus filhos – uma das possibilidades seria levá-los para escola, mas essa alternativa acaba por não ser a mais apropriada, uma vez que a escola não conta com o espaço adequado.

Faz-se necessário destacar a diferença entre abandono e evasão escolar – esta última refere-se à saída do aluno da escola, que não mais retorna; enquanto que o abandono é observado quando o estudante desiste da escola, mas volta a se matricular no ano seguinte. Na instituição de ensino em questão, as duas situações acontecem, porém neste estudo vamos nos reportar mais ao abandono.

Segundo Araújo e Filho (2017, p.8), “o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH e no PNUD e a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul”, acrescenta ainda que alguns fatores internos e externos contribuem para isso, como: sucessivas reprovações, falta de incentivo e apoio da família, localização da escola, dentre outros. Percebe-se, portanto, que o abandono escolar é, ao mesmo tempo, causa e consequência de muitas e diversas situações no contexto escolar e social.

3. Educação de Jovens e Adultos: perspectivas e desafios

A Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB, Lei nº 9.394/96 na Seção V, em seu Art. 37, destaca a Educação de Jovens e Adultos – EJA, afirmando que “a educação de jovens e adultos será

destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria" e está classificada como parte integrante da Educação Básica. Logo, será um dever do Estado disponibilizar vagas nessa modalidade de ensino aos que não tiveram oportunidade de prosseguir em seus estudos na idade considerada correta.

De acordo com Miranda e Araújo (2019, p.1), a EJA é uma modalidade da educação que pode ser considerada "como o ápice das desigualdades sociais e econômicas do Brasil". Essa afirmação leva em consideração o fato de essa modalidade aportar em si as fragilidades de uma escola excludente diante do direito de todos aprenderem independentemente da idade. Tal direito garantido no papel nem sempre é observado na prática, haja vista que a muitos desses jovens e adultos não são ofertadas as condições necessárias para permanecerem na escola. Esse é um desafio que perdura ao longo dos tempos e em todas as instâncias da sociedade.

Miranda e Araújo (2019), enfatizam que pela pesquisa realizada foi observado alguns desafios presentes nas turmas de EJA, como: turmas superlotadas no início do ano, a diferença de idade entre eles (alguns bem jovens, que conversam muito e outros já mais experientes e cansados, que ficam incomodados com tal situação. Além disso, muitos mudam do turno diurno e das turmas regulares pelas reprovações e acabam não tendo mais condições de continuar nas turmas de ensino regular. Por fim, os autores citam ainda a necessidade de trabalhar para contribuir na renda familiar ou prover o sustento de seus dependentes, quando se tornam pais e mães.

Diante de tantos desafios, faz-se necessário, segundo Miranda e Araújo (2019) que sejam desenvolvidas com esses alunos e alunas:

> [...] as competências necessárias para o mercado de trabalho e também para viver em sociedade, a Educação de Jovens e Adultos precisa lidar com os diversos desafios presentes na realidade de cada aluno, que encontra motivação para estudar após um dia de trabalho duro, morando longe da escola, com problemas familiares, sempre buscando melhorias em sua vida por meio da educação. (MIRANDA; ARAÚJO, 2019, p.8).

Nesse sentido, faz-se necessário pensar em proposta que possam ser desenvolvidas na escola pensando em contribuir e minimizar esses desafios, oferecendo apoio para que estes jovens deem continuidade aos seus estudos na citada modalidade.

Pierro (2014) destaca em seu artigo no site da Nova Escola Gestão que:

> [...] os jovens e adultos das camadas populares não acorrem com mais frequência às aulas porque a busca dos meios de subsistência absorve todo seu tempo, seus arranjos de vida não se harmonizam com a frequência contínua da escola e os conteúdos veiculados são pouco relevantes para pessoas cuja vida está preenchida por múltiplas exigências. (PIERRO, 2014, p.01).

No dia a dia escolar, não é difícil de constatar essa situação: estudantes desistem da escola

para prover meios de subsistências de suas famílias ou pelo menos contribuir para alavancar a renda, principalmente quando têm filhos. Desistem, assim, dos próprios sonhos devido à ausência de políticas públicas. Logo, é preciso que se crie meios para garantir a permanência dessas pessoas na escola, seja no modo presencial ou online – num mundo cada vez mais tecnológico urge encontrar soluções cabíveis e acessíveis para este público, que tem por direito inalienável a educação.

Sobre os desafios para garantir esse direito, Pierro (2014) adverte que:

> [..] desafios colocados para a garantia do direito dos jovens e adultos à Educação são complexos, mas muitos podem e devem ser enfrentados pelas equipes escolares, sob a liderança da direção e da coordenação pedagógica, a começar pela convocação da comunidade para a mobilização da demanda pela EJA, a formação dos educadores para a criação de um ambiente acolhedor da diversidade e a flexibilização dos modelos de atendimento (PIERRO, 2014, p.01).

Neste sentido, a referida autora ainda acrescenta que é necessário o "reconhecimento, o acolhimento e a valorização da diversidade dos educandos da EJA, pois antes de serem alunos, esses jovens e adultos são portadores de identidades de classe, gênero, raça e geração". Ressalta ainda que:

> [...] as consequências do reconhecimento da diversidade dos educandos é a admissão da heterogeneidade de suas necessidades de aprendizagem, motivações e condições de estudo, o que implica a estruturação de formas de atendimento diversificadas e flexíveis, capazes de acolher diferentes percursos e ritmos formativos (PIERRO, 2014, p.03).

Respeitar, apoiar, dar condição para seguir nos seus estudos é o que a escola tem por objetivo. Logrando êxito, contribuir-se-ia para que essa desigualdade seja pelo menos amenizada, se não puder ser zerada, já que se acredita que haveria a diminuição do abandono escolar no momento em que se der voz e vez a esses personagens muitas vezes tão esquecidas.

4. A mulher no contexto escolar

Historicamente, a sociedade patriarcal relega às mulheres o papel de cuidado. Desse modo, quando nasce uma criança, ainda que não haja abandono paterno, são as mulheres que veem sua rotina mais alterada.

> Não é difícil observar que homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade brasileira (...) A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da distribuição de papéis distintos, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo (...) A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta (SAFFIOTI, 1987, p.8).

De fato, percebe-se que é a mulher que deixa de estudar para ficar com os filhos, quando não dispõe de uma rede de apoio para cuidar da criança e/ou não pode levá-los para a escola. Apesar da luta dos movimentos feministas para garantir um espaço na sociedade de forma igualitária, ao homem ainda são relegados alguns privilégios embora se tenha percebido algumas conquistas por parte das mulheres mas ainda é notório que as mães ainda há muito a se avançar, embora a licença maternidade

e outros benefícios tenham chegado mas as pessoas esquecem que toda a rotina daquela pessoa foi alterada a partir da maternidade.

De acordo Louro (1997, p. 339) a história da mulher em sala de aula é

> [...] constituída e constituinte de relações sociais de poder. É mais adequado compreender as relações de poder envolvidas, nessa e em outras histórias, como imbricadas em todo o tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem efeitos de poder. Todos são, ainda que de modos diversos e desiguais, controlados e controladores, capazes de resistir e de se submeter (LOURO, 1997, p. 339)

Ademais, acrescenta Louro (1997, p.339): "Parece ser tempo de abandonar as explicações unicausais e, ao invés disso, tentar contemplar os múltiplos fatores e condições que possibilitam ou impedem as transformações sociais". É preciso que façamos o que precisa ser feito para possibilitar mulheres, mães, jovens acreditarem que podem e devem seguir em busca de melhorias de vida e um lugar mais digno e menos excludente nesta sociedade.

A mulher é quase sempre colocada em desafios diários, levando-se em consideração os fatores sociais no decorrer da história. Ela está inserida em situações de subjugação nas relações de poder entre homens e mulheres, isso precisa e deve ser mudado, sendo a educação um fator preponderante para alterar a situação e o meio pelo qual a mulher poderá conseguir a sua liberdade em todos os sentidos do termo, mas como isso será possível se a ela é negada o direito primordial para conseguir os demais.

4.1 Abandono escolar: situação das alunas mães

Segundo Vieira (2020) são muitas as adolescentes mães que acabam abandonando a sala de aula devido à falta de suporte para que elas possam prosseguir estudando. Ou seja, de acordo com a autora, a permanência das mulheres na escola é dificultada pela falta de políticas públicas como moradia, alimentação e a não existência ou pouca oferta de vagas em creches. Quando se trata dos cursos noturnos, o cenário é ainda mais precário, visto que as creches públicas funcionam somente no turno diurno, assim sendo essas mães ficam sem alternativas para dar continuidade aos seus estudos sendo muitas vezes obrigadas a abandonarem a escola.

A referida autora diz que "segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgado pelo IBGE em 2016, 35% das 610 mil mulheres na faixa dos 15 aos 17 anos que estavam fora da escola em 2016, eram mães". Apesar da data, infelizmente o estudo passa longe de estar desatualizado, uma vez que na prática nada foi feito para mudar essa situação. Pelo contrário, é perceptível por todos que trabalham no ambiente escolar que cada vez mais jovens mães desistem de estudar para cuidar do filho, principalmente por falta de opções ou alternativas.

Outra causa de abandono escolar pelas mulheres é a gravidez precoce. Muitas vezes, elas precisarem assumir a maternidade solo e, se não contarem com apoio da família ou de outra esfera institucional, com certeza não conseguem seguir estudando. Neste sentido, seria preciso que houvesse pelo menos uma flexibilidade, buscando alternativas para cuidar e apoiar estas jovens que se sentem sozinhas sem conseguir ver saída ou não conseguem compreender que a desistência tornaria ainda mais difícil a sua vida futura e inclusive a de seu filho.

Existem ainda barreiras sociais, como preconceito ou machismo que perduram até os dias atuais. Há no ambiente escolar, como em toda a sociedade, atitudes retrógradas e crueis com as mulheres, que dificultam ainda mais a percepção de que o direito à educação é para todos e a responsabilidade sobre os filhos é igual para homens e a mulheres e isso nem sempre é lembrado quando a mulher torna-se mãe vê sobre seus ombros o peso da responsabilidade de cuidar e prover o sustento deste novo ser que foi gerado.

De acordo com Vieira (2020 p.01) a "presença do parceiro não é sinônimo de apoio para a continuidade nos estudos". Isso porque mesmo quando o companheiro assume a paternidade e se propõe a "ajudar" na criação dos filhos, não é raro que os pais não se sintam à vontade sozinhos com a criança, uma vez que o papel social do cuidado é visto como feminino, de modo que acabam impedindo que as mães frequentem a escola, isso também é observado no espaço escolar no qual foi realizada esta pesquisa. Sabemos até que alguns meninos tornam-se pais bem jovens também, porém a eles não são cobradas tais responsabilidades.

5. Procedimentos metodológicos

O trabalho foi realizado utilizando em sua metodologia a pesquisa-ação que Segundo Tripp (2005, p.05) "pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica". Assim contará abordagens qualitativa e quantitativa. Isso porque entende-se que as duas se complementam, visto que a primeira envolve um caráter mais exploratório e em profundidade, ao passo que a segunda permite a mensuração e a relação estatística entre variáveis com certo poder de generalização. Poder-se-á, assim, chegar a sugestões concretas de soluções para problemas detectados na pesquisa, de modo a atingir os objetivos pretendidos no trabalho.

Na parte qualitativa/exploratória, foi utilizada a técnica de grupos focais, pois essa ferramenta de pesquisa, segundo Dias (2000, p.3) tem por objetivo "identificar as percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade". Esse método, por conseguinte, levará à possível solução do problema que por meio das entrevistas, podemos observar as reais necessidades das mães alunas.

Visto que o intuito do trabalho era encontrar alternativas para as mães darem continuidade aos estudos, utilizou-se a metodologia qualitativa com uso de dois grupos focais: um para entrevistar as alunas mães que levam os filhos para escola e outro com as alunas que são mães e não levam os filhos para escola e assim consigamos identificar com este trabalho às necessidades dessas alunas.

Portanto, pode-se dizer "que os grupos focais permitiram que o processo de interação grupal se desenvolva, favorecendo trocas, descobertas e participações comprometidas" (Ressel et al., 2008, p. 780). Para realização dos grupos focais, foi feito antecipadamente um planejamento com a definição dos objetivos, das questões a serem discutidas, do tempo e a definição dos participantes.

Dias (2000, p. 8) destaca que "o grupo focal é útil no planejamento de pesquisas quantitativas e na elaboração de questionários". Logo, será nesse sentido que os grupos focais serão realizados para subsidiar a elaboração dos questionários que serão aplicados com os alunos.

O autor supracitado ressalta também que "grupo focal é uma técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas, apropriada para avaliação de produtos e serviços". (DIAS, 2000, p.10). Ele complementa ainda dizendo que pode ser usado na geração de novos conceitos e ideias, bem como no entendimento de motivações para criação de novos produtos, que será o caso aqui, já que se pretende adequar uma sala para receber as crianças enquanto as suas mães estudam.

Nesse propósito, foram investigadas as opiniões, ideias e sugestões dos alunos quanto ao trabalho a ser elaborado pela escola. Esta etapa qualitativa servirá de base para que possíveis projetos não seja apenas ilusão ou sonho, mas que possa ser útil, prático e que venha de fato contribuir para elevar o desempenho dos alunos e, consequentemente, reduza também a evasão escolar nesta instituição – que poderá, inclusive, servir futuramente de exemplo para outras a seguirem. Os grupos focais servirão também para fazermos levantamento de aspectos não mensuráveis que serão relevantes na elaboração do projeto.

A etapa quantitativa será realizada por meio de um *survey cross section*, isto é, a aplicação de um instrumento padronizado de coleta de dados, que será um questionário aplicado a todas as alunas do turno noturno que são mães e para professores e diretores da escola, visando à obtenção de informações sobre as características, ações e opiniões (FREITAS et al., 2000). Todos esses registros serão analisados de forma atenta e cuidadosamente, permitindo uma relação quantitativa entre as questões (BABBIE, 1999). Os questionários serão aplicados com todos ao mesmo tempo, para que sejam os mais fieis possíveis aos dados e à intenção do trabalho.

Segundo Freitas et al. (2000) a pesquisa *survey* exploratória tem por objetivo:

> [...] familiarizar-se com o tópico ou identificar os conceitos iniciais sobre um tópico, dar ênfase na determinação de quais conceitos devem ser medidos e como devem ser medidos, buscar descobrir novas possibilidades e dimensões da população de interesse (FREITAS et al., 2000, p. 3).

Os referidos autores enfatizam que o propósito da pesquisa é ser descritiva, e, por isso a sua intenção é

> [...] buscar identificar quais situações, eventos, atitudes ou opiniões estão nos manifestos de uma população; descreve a distribuição de algum fenômeno na população ou entre os subgrupos da população ou, ainda, faz uma comparação entre essas distribuições (FREITAS et al., 2000, p.3).

Toda pesquisa tem como objetivo investigar as hipóteses levantadas e comprová- las ou não, após a aplicação e análise dos dados obtidos por meio dos instrumentos utilizados, observando os fatos em comparação com a realidade e com a intenção do trabalho.

A pesquisa descritiva exploratória trará a este trabalho a capacidade de identificar causas e possibilidades de intervenção, visto que, por meio da pesquisa, serão observadas as evidências sobre o uso dos espaços da escola pelos alunos e sua relação direta com a aprendizagem e as oportunidades de melhoria do ensino e da aprendizagem nesta instituição.

Freitas et al. (2000, p. 11) dizem que os dados obtidos com a realização da *survey* devem ser analisados "por meio de ferramenta estatística para a obtenção das informações desejadas, devendo-se, para tanto, considerar o tipo de análise estatística aplicável às variáveis em estudo". Nesse sentido, serão analisados os questionários aplicados e analisados quantitativamente para obtenção de maiores informações ou ainda para complementação das informações coletadas nos grupos focais.

Seguindo, a análise dos dados foi feita uma análise dos dados que, de acordo com Gil (2008, p. 173), é "um nome genérico dado a uma classe de técnicas estatísticas multivariadas que têm como propósito definir a estrutura subjacente em uma matriz de dados". O referido autor acrescenta ainda que a análise dos dados "trata, pois, da estrutura das correlações entre um número de variáveis" (GIL, 2008, p. 173).

Após realização das duas etapas de pesquisa, quantitativa e qualitativa, resumindo as informações detectadas, foram observados os dados e as informações obtidas na pesquisa.

6. A pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada com os diretores, professores e com as alunas mães da escola estadual Dr. João Lula, com intuito de embasar a pesquisa.

Os questionários foram enviados no formato *google forms* para facilitar e agilizar o trabalho. As respostas foram coletadas e analisadas para saber a viabilidade da pesquisa e principalmente da opinião das mães. A seguir relatamos o que foi observado nas respostas dos pesquisados.

6.1 Respostas dos gestores

Para dar maior solidez e continuidade ao trabalho, foi realizada uma pesquisa com membros da comunidade escolar, composta por alunas, professores e gestores. O resultado obtido será descrito a seguir. Os questionários tinham como alternativas as respostas compostas por graus de

concordâncias, variando entre discordo totalmente, discordo em parte, indiferente, concordo em parte e concordo totalmente. Assim sendo, serão descritas respostas obtidas, inicialmente dos gestores.

Foi perguntado se os resultados são influenciados pela presença de crianças na sala, eles responderam 100% (cem por cento) que concordam plenamente que os resultados são influenciados quando há crianças no momento das aulas. Isso fortalece a ideia do projeto de ter um lugar adequado para deixar as crianças enquanto as alunas assistem às aulas.

Quando perguntado se as mães apresentam menor frequência nas aulas, 50% respondeu que concorda em parte e 50% concorda plenamente. E se os resultados da escola poderiam ser melhores sem a presença de crianças na sala de aula, a opinião ficou dividida entre concordo em parte e discordo em parte. Isso demonstra que algumas alunas, mesmo diante de toda adversidade, conseguem superar o desafio de ser mãe e estudar ao mesmo tempo.

Quando dito que "para que todos tenham melhores resultados é preciso usar meios diversos", eles concordam plenamente. É sabido que em toda e qualquer modalidade educacional, a variedade e diversificação nas atividades é fundamental. Torna-se ainda mais imprescindível para alunos de EJA, que já vêm de uma rotina nada fácil com carga horária de trabalho estressante nas mais variadas atividades para prover o seu sustento e/ou de seus familiares.

Em relação à afirmação "a maternidade contribui para que as alunas abandonem a escola", todos concordam em parte, dizendo:

> "existem sim outros motivos que levam os alunos e alunas a abandonarem a escola, mas a maternidade é uma parcela desse problema, assim como a busca por emprego, a falta de renda em casa, os afazeres domésticos e cuidado de outras pessoas da família, dentre outras situações vistas no dia a dia escolar". (fala de um professor)

Quando perguntado se é importante promover discussões regulares sobre os resultados com toda equipe escolar, todos responderam que concordam plenamente. Ressaltam que quando discutimos os resultados, é possível perceber alguns problemas ainda no início e até resolver alguns deles. O

abandono escolar nas turmas de alunos na modalidade EJA é um problema sempre presente.

Quanto aos resultados mostrarem o que precisa ser mudado na escola, metade respondeu que concorda plenamente e a outra metade que concorda em parte. Percebe- se que outros fatores podem interferir nos resultados e nas mudanças que a escola pode enfrentar. Visto que ela pertence à rede pública, aceitamos as orientações vinda da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão, que às vezes não leva em consideração a complexidade da situação dos alunos de EJA.

Foi perguntado se a forma como a gestão trabalha contribui para o bom andamento da escola, eles concordam plenamente. E se compartilham com todos os problemas ocorridos, metade disse que concorda plenamente e a outra metade que discorda em parte. A escola conta com uma gestão eleita que contribui muito com o bom andamento da instituição, é uma gestão democrática que está sempre presente e atenta a todos os problemas que acontecem e busca solucioná-los da melhor maneira possível, compartilhando, quando possível, com toda comunidade escolar.

Quanto a um espaço com equipamento adequado e profissionais especializados, todos concordam plenamente que seria o ideal para essas crianças. É sonho de qualquer escola que atende a modalidade EJA ter um local adequado para receber as crianças que chegam à escola na companhia das mães, que lutam para dar continuidade às suas vidas depois da maternidade, e que é possível alcançar novas oportunidades e abrir novas portas rumo a dias melhores.

6.2 Respostas dos professores

O questionário enviado aos professores era composto por perguntas fechadas, com alternativas variando entre discordo totalmente, discordo em parte, indiferente, concordo em parte e concordo totalmente.

Tivemos 16 professores respondendo ao questionário, o que atualmente corresponde a 70% (setenta por cento) do corpo docente da escola. Foram obtidas as seguintes respostas:

Sobre o fato de o resultado dos alunos ser influenciado pela presença de crianças na sala de aula, 43,8% disseram que concordam totalmente, 43,8% concorda em parte e 12,5 discorda totalmente. Percebe-se, portanto, que quase 90% dos professores constatam na prática que ter crianças presentes na sala pode afetar o aprendizado e o rendimento de todos os alunos.

Perguntados se as alunas mães têm menor frequência nas aulas, 56,3% responderam que concordam em parte, 37,5% concorda totalmente e 3,2% disseram que é indiferente. Nesse sentido, quase cem por cento concordam que as alunas que têm filhos faltam mais às aulas.

Quanto à maternidade contribuir para as alunas abandonarem a escola, 50% dos professores concorda totalmente, 43% concorda em parte e 6,2% discorda em parte. Ou seja, quase que cem por

cento dos docentes acredita ser a maternidade um dos fatores que interferem no ciclo escolar das alunas, embora não seja este o único fator para tal acontecimento, já que outros empecilhos também podem interromper esse trajeto, infelizmente.

Por outro lado, 100% desses profissionais concordam que a educação é direito de todos, inclusive das mães. Ora, salta aos olhos um descompasso entre o direito inscrito na Constituição Federal e a falta de políticas públicas que permitam que esse direito seja exercido por mulheres que, muitas vezes, tornam-se "mãe solo", e têm que arcar com toda responsabilidade pelo cuidado sustento do filho, infelizmente esta ainda é uma triste realidade nos dias atuais.

Na pesquisa, afirmou-se também que "os resultados das alunas mães poderiam ser melhores sem a presença da criança com elas em sala de aula". Do total de educadores entrevistados, 56,3% concordaram em parte e 31,3% concordaram totalmente, 22,6 % discordaram em parte e 22% discordaram totalmente. Nesse ponto, percebe-se que as opiniões divergem um pouco, mas a maioria concorda que as mães poderiam "render" mais se não tivessem que dividir a atenção na hora das aulas com a criança e o professor.

A bifurcação nas opiniões mostra que outros fatores também interferem nos resultados, bem como frequência, interesse pelo conteúdo apresentado ou até mesmo pelas estratégias e recursos utilizados pelos professores. Outrossim, tratando-se do resultado da turma como um todo, 62,5% disseram que concordam totalmente, 12,5% concorda em parte, 12,5% discorda em parte e 12,5% discorda totalmente que ele poderia ser melhor sem presença de crianças na sala, isso está coerente com o que foi respondido anteriormente.

Quanto à afirmação "considero minha participação importante nas discussões com toda equipe sobre os resultados", 87,5% concordam totalmente e 12,5% concordam em parte. Sobre esse aspecto, os professores demonstram completa anuência, acreditando que a participação docente é fundamental em todo o processo educacional – especialmente quando são discutidos os problemas enfrentados, cujas soluções devem ser buscadas coletivamente.

Perguntou-se também se o resultado dos alunos mostra o que precisa ser mudado nas aulas: 43,8% concordam totalmente, 50% concordam em parte e 6,2% discordam em parte. Dado que apenas um pequeno percentual discorda deste fato, é possível ver que mudanças são sempre bem vindas, desde que estejam de acordo com a realidade e possibilidades da escola em executar. Além disso, as aulas podem e devem sofrer mudanças, já que é natural do ser humano se reinventar a cada dia, perseguindo o aperfeiçoamento de tudo o que ele produz.

Do total de professores que responderam à pesquisa, 83,8% concorda totalmente e 6,2% concordam em parte que atitudes tomadas pela gestão podem contribuir para o bom andamento das

aulas. A gestão é a alma da escola, é a cabeça, é a liderança que contribui para que os resultados da escola sejam cada vez melhores. É preciso, pois, que a gestão tome medidas assertivas, pensando no melhor para sua comunidade escolar, que seria educação de qualidade, sem discriminação ou exclusão. Os professores concordam em sua totalidade com isso.

Confrontados com a afirmação "os problemas ocorridos em sala de aula são compartilhados com a gestão da escola", 43,8% concordam totalmente e 56,2% concordam em parte. A gestão precisa estar ciente de tudo que ocorre na escola, e isso só acontece se ela estiver sempre presente, o corpo docente concorda com isso e acredita na gestão da escola como essencial no processo educacional da instituição.

6.3 Respostas das alunas mães

Dentre as alunas mães que frequentam a escola, 09 (nove) alunas responderam os questionários, o que corresponde a 69% deste público feminino. O instrumento foi feito com algumas perguntas abertas para possibilitar maior liberdade de expressão para esta categoria, visto que elas são as maiores interessadas no resultado deste trabalho e têm todo o direito de opinar.

As alunas mães têm entre 17 (dezessete) e 25 (vinte e cinco) anos, somente uma desempenha atividade remunerada – esta é vendedora, as demais trabalham "apenas" cuidando da casa e dos filhos. A quantidade de filhos varia entre um e sete filhos, e eles têm de quatro meses até seis anos.

Observa-se que as mulheres que são a razão do presente trabalho são jovens que precisam melhorar a sua situação financeira e veem na educação uma maneira de prosperar, mas infelizmente nem sempre acham apoio para tanto. É a conclusão a que se chega ao se verificar que, quando perguntadas com quem deixavam seus filhos quando iam para escola, 4 (quatro) delas responderam com avó, 2 (duas) com avô, 2 (duas) com pai da criança, 1 (uma) com irmão. Contudo, ainda existe uma boa parcela que não tem ninguém com quem deixar os rebentos, sendo obrigada a levá-los consigo para dentro das salas de aula.

Dentre as mães respondentes, 5 (cinco) levam os filhos para escola sempre que precisam e 4 (quatro) não levam. Em relação à frequência com que os leva para a escola, cinco (5) delas disseram que levam sempre que precisa e 4 (quatro) que nunca leva. No geral, poderíamos até dizer que é um número baixo, mas na verdade nenhuma delas deveria precisar levar, visto que no colégio não há um

local apropriado para essas crianças ficarem e que basta uma criança na sala de aula para quebrar a rotina daquele ambiente. Cabe destacar que as alunas que afirmaram que não levam o fazem porque não existe um espaço seguro e adequado na instituição de ensino (e, por isso, acabam deixando de comparecer às aulas).

Perguntadas qual era o problema percebido quando levava a criança para escola, elas citaram: “atrapalha a mãe a estudar”, “tira o foco da aula”, “dificulta assistir a aula”, “tira atenção da aula para cuidar da criança”, “incomoda o professor”, “o barulho da criança incomoda o professor”. Pelas falas das alunas, é notório o problema causado pela presença de crianças na sala de aula – longe de significar que as mães e seus filhos deveriam se manter longe desse espaço público (que deve sim ser sempre ocupado).

Em se tratando das dificuldades que elas acreditam que o professor tem em relação a presença da criança na sala, elas falaram que seria “tirar o foco da explicação”, “o choro”, “o barulho incomoda e atrapalha a concentração da aula”, “altera o comportamento na aula”, “às vezes o professor não consegue dar aula”. Mais uma vez as falas das estudantes traz uma questão relevante sobre a situação destas mães.

Questionadas quanto ao que mais incomoda quando elas trazem o filho para escola, as discentes disseram que “o desconforto para amamentar, na hora de trocar a fralda, falta conforto para a criança, falta um local adequado para criança ficar, a criança às vezes fica muito inquieta, dificulta a prestar atenção na aula”. Nessa trilha, vê-se os direitos das mães e das crianças serem desconsiderados, pois elas têm que alimentar o seu filho e, para as crianças de até seis meses de vida, é recomendado uso exclusivo do leite materno, em suma, a importância do cuidado da criança, visto que ambos precisam de tranquilidade para que seja um período de relaxamento e prazer para lactente e lactante.

A pesquisa perguntou ainda se elas consideram ser a maternidade um fator que contribui para as alunas abandonarem a escola. 3 (três) alunas responderam que não, mas as outras 6 (seis) responderam que sim e ainda acrescentaram que outros fatores são: os olhares dos alunos, que não falam com ela por ser mãe; o fato de nem todas as mães terem com quem deixar seus filhos. Por outro lado, foi dito por outras que, apesar de serem mães, esforçam-se para estarem na escola todos os dias.

Quanto à pergunta “o você acha que poderia ser feito para acolher essas crianças na escola?” 3 (três) estudantes responderam que poderia ter um berçário, outras disseram que poderia ter uma sala com brinquedos e pessoas para cuidar das crianças. Isso nos alerta para possíveis soluções como

criando um espaço adequado e seguro para os filhos delas. Elas afirmam ainda que o espaço para acolher seu filho na escola deveria ser agradável, com brinquedos e dormitório, com pessoas para cuidar, com conforto e com televisão, esse é o desejo e a vontade dessas entrevistadas.

7. Considerações finais

A partir da vivência em uma escola que oferece Educação de Jovens e Adultos, notou-se que algumas alunas têm dificuldade de conciliar os estudos com a maternidade. Tal dificuldade se dá

porque elas ficam sobrecarregadas com os cuidados com os filhos e acabam tendo que levá-los para a sala de aula – isso quando não preferem (isto é, são obrigadas pelas circunstâncias) a se ausentar das aulas, o que tem consequências nefastas para o seu futuro pessoal e profissional dessas mulheres.

A pesquisa realizada com professores e gestores, além das próprias estudantes, comprovou a hipótese inicial de que a existência de um espaço apropriado para acolher os bebês na própria unidade escolar reduziria o abandono escolar. Isso porque, pelo menos durante algumas horas por dia, as alunas poderão dedicar toda a sua atenção às aulas, sem precisar se preocupar em atrapalhar as preleções dos docentes, o aprendizado dos colegas, nem tampouco o bem-estar dos próprios filhos.

A implantação do espaço de acolhimento constitui uma estratégia potencial para reduzir a evasão nesta escola inicialmente podendo se estender a outras instituições de ensino, cuja efetividade deverá ser avaliada a partir de resultados concretos.

Vale ressaltar também a necessidade de profissionais qualificados, infraestrutura adequada e articulação com as políticas públicas de educação infantil, seja nas Instituições de ensino superiores bem como da parceria e colaboração também da rede municipal de ensino e de seus gestores.

8. Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima e Filho, Raimundo Barbosa Silva. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. Disponível em https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/24527. Acesso em março/2026.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1 ed.pdf acesso em 11.11.2022

DIAS, Claudia A. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Informação & Sociedade: Estudos, 2000, p.1-12.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z. e MOSCAROLA, J. **O método de pesquisa survey**. São Paulo/SP: Revista de Administração da USP, RAUSP, v. 35, n. 3, p. 105-112, julho-setembro. 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GADOTTI Moacir, **Educação Popular e Educação ao Longo da Vida**. Disponível em https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf Acesso em 27.10. 2022

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto; UNESP, 1997

MIRANDA, Fabio Miguel Souza. ARAÚJO, Viviane Maria Soares de**. Educação De Jovens e Adultos: Desafios e Motivações.** https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019 acesso em 17.11.2022

PEDAGÓGICA, coordenação. **Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Dr, João Lula**. Timon, 2021.

PIERRO, Maria Clara. **Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos**. Nova Escola Gestão, 2014. Disponível em: https://gestaoescolar.org.br/conteudo/114/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos. Acesso em 17.11.2022

RESSEL, Lúcia B.; BECK, Carmem L. C.; GUALDA, Dulce M. R.; HOFFMANN, Izabel C.; SILVA, Rosângela M.; SEHNEM, Graciela D. **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa.** Texto & Contexto - Enfermagem, v.17, n.4, 2008, p.779-86. Disponível em: Acesso em: 08. agosto 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

STAUBER, Elza. **O SARESP na visão dos gestores e professores**. Alexa Cultural, Embu, SP. 2015.

TRIPP, David, **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt.

Acesso em 18.01. 2023

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escolas: Espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas, Papirus, 1995.

VIEIRA, Luiza Padovam. **Mães adolescentes e o desafio de permanecer na escola**. Disponível em https://querobolsa.com.br/revista/maes-adolescentes-e-o-desafio-de-permanecer-na-escola. Acesso em 20 nov. 2022